

**DISCUTINDO O PAPEL DO TUTOR PRESENCIAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
A DISTÂNCIA**

Silvana Claudia Dos Santos, Marcelo De Carvalho Borba, Silvia Regina Viel

Eixo 8 - Educação a distância na formação de professores
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Este artigo, que nasceu de uma pesquisa sobre a formação de professores de matemática a distância oferecida pelo Centro de Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), tem por meta discutir o papel do tutor presencial na formação a distância. Tal curso de licenciatura é considerado pioneiro no Brasil e a sua metodologia semipresencial serviu de referência para outras propostas implementadas no país. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual constata que o tutor não é reconhecido como professor, mas tem exercido, em inúmeras vezes, a função deste. A partir da análise dos dados, coletados por meio de entrevistas junto a alunos de diferentes polos regionais, é evidenciado que o tutor, em particular aquele que atua presencialmente, possui papel fundamental, uma vez que ele se apresenta como sendo a única referência docente dos estudantes. Diante disso, concluímos que é urgente a necessidade de se reconhecer profissionalmente a atuação do tutor como peça chave para uma formação a distância de qualidade, possibilitando, assim, que ele possa investir e concentrar esforços na docência em EaD e contribuir com o avanço da formação de professores a distância. Palavras-chave: Educação Matemática, Educação a Distância, Licenciatura.

DISCUTINDO O PAPEL DO TUTOR PRESENCIAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

Silvana Claudia dos Santos. Universidade Federal de Viçosa, UFV; Silvia Regina Viel. Centro Universitário de Franca, UniFACEF; Marcelo de Carvalho Borba. Universidade Estadual Paulista, UNESP, RC.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que originou este artigo teve como objetivo principal investigar a formação de professores de matemática a distância em um curso de Licenciatura oferecido pelo Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ)ⁱ. Para alcançar tal objetivo, nosso estudo foi realizado com base em três perspectivas: dos alunos iniciantes no referido curso; do ponto de vista dos egressos sobre a sua formação; e de qual tem sido o papel que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm ocupado ao longo desse processo.

Nesse estudo investigamos o modelo proposto pelo Cederj para uma graduação em matemática, com foco na interação entre alunos e docentes, bem como buscamos identificar possíveis transformações no modo como o conhecimento matemático é produzido considerando o fato de se tratar de um curso na modalidade à distância, entre outros. Particularmente, neste artigo, nos dedicaremos à análise do papel que o tutor presencial vem ocupando na formação de professores nesse contexto, uma vez que um dos pontos marcantes do modelo de curso a distância oferecido pelo Cederj, e que serviu de inspiração para Programas de abrangência nacional, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB)ⁱⁱ do governo federal, é a existência da tutoria presencial. Sobre esse aspecto Moran (2010, p. 131) explica que com essa metodologia semipresencial “[...] os alunos possuem polos perto do local onde moram e, além do tutor *online*, contam com o tutor presencial no polo, com quem [...] podem tirar dúvidas e participar das atividades solicitadas e dos laboratórios de informática específicos do curso”.

O retrato da formação de professores de matemática a distância que temos registrado em nossa pesquisa tem nos levado a refletir sobre a atual realidade desse curso a distância e apontado alguns encaminhamentos. A partir de tais reflexões, notamos dois extremos evidentes: possibilidades frutíferas com relação à democratização do ensino superior público, mas, também, uma modalidade de educação ainda frágil em vários aspectos, pois embora a EaD não seja mais uma novidade, se considerarmos os

tradicionais cursos por correspondência que já ocorrem há décadas, a necessidade de interação dialógica e a formação ampla para o exercício da docência gera desafios com os quais não se sabe ainda como lidar nesse contexto.

Na busca por uma metodologia que favoreça a interação, diálogo, troca e apoio aos estudantes, o sistema de tutoria presencial e a distância tem se apresentado como alternativa, de modo que a maior parte das propostas de cursos de formação de professores a distância vem se apropriando de seus diferentes modelos.

Sendo assim, optamos por investigar esta Licenciatura em Matemática, devido ao pioneirismo desse Consórcio no que diz respeito à formação de professores de matemática a distância no Brasil. Nesse artigo focaremos no seguinte aspecto: o papel do tutor presencial na formação de professores de matemática a distância, a partir das perspectivas dos alunosⁱⁱⁱ em diferentes momentos do curso, neste caso, iniciantes e egressos. Optamos por debater acerca do tutor presencial, pois os dados de nossa pesquisa evidenciam que os alunos veem nesse “profissional” a principal referência de docente no curso. Já a tutoria a distância poucas vezes é usada como referência para discutir o papel do tutor na formação oferecida pelo curso.

REVISÃO DE LITERATURA

O tutor, presencial ou a distância, se mostrou como um novo ator no processo de ensino e aprendizagem a distância, principalmente, no que se refere à formação de professores. Uma ampla discussão já foi iniciada e algumas pesquisas têm investigado aspectos da prática desse novo “profissional” (MILL, 2006; OLIVEIRA, MILL; RIBEIRO, 2010; MAGGIO, 2001; entre outros).

Dentro desta temática um dos aspectos mais debatidos nas pesquisas consiste no papel desse ator na formação do aluno da EaD, mais especificamente, a influência que ele possui na aprendizagem. Outro debate polêmico diz respeito à sua identidade, uma vez que a discussão se concentra na questão do tutor poder ou não ser considerado professor. Também tem se destacado na literatura a discussão sobre a condição profissional desse tutor. Outras de natureza mais técnica apresentam quais as atribuições ou funções do tutor nos cursos a distância já consolidados.

Mill (2006) teve como objetivo principal analisar as implicações sofridas pelo trabalho docente em decorrência das mudanças espaço-temporais introduzidas pelos processos pedagógicos virtuais. O autor apresenta uma análise geral sobre a organização da EaD no país e busca caracterizar a figura do tutor a distância ou virtual, argumentando que apenas este profissional, dessa modalidade de educação, pode ser

considerado um teletrabalhador no conjunto da polidocência, que para o autor trata-se de uma docência compartilhada entre vários atores: elaborador de material, *instructional designer*, tutor presencial e virtual, etc.

Em Oliveira, Mill e Ribeiro (2010), os autores abordam a tutoria enquanto um espaço de formação docente no contexto da EaD e tratam de questões que auxiliam na compreensão do tema docência online, destacando detalhes que tangenciam à polidocência. Os autores analisam dados coletados junto a mais de duas centenas de tutores virtuais de cinco cursos de graduação a distância, de uma universidade pública vinculada à UAB. A partir desses dados, eles traçam um perfil desses tutores e discutem as concepções dos mesmos com relação ao trabalho prático que realizam e sobre EaD. Segundo eles, analisar o perfil e o papel do tutor pode contribuir para identificar aspectos relevantes da formação docente desses sujeitos, bem como apontar indicadores que colaborem com o sucesso de programas em EaD.

Ribeiro, Oliveira e Mill (2010), por sua vez, destacam a importância dos tutores com relação ao gerenciamento das interações entre os alunos e a mediação destes com o conteúdo. Contudo, entendemos que a interação entre professor-aluno no contexto da formação de professores a distância, não tem ocorrido, se considerarmos a realidade que vivenciamos em nossa pesquisa. A ideia de que o tutor assume um papel de mediador e capaz de diminuir a distância entre o professor universitário e o aluno não tem sido uma prática no cenário que investigamos. De acordo com as nossas observações não percebemos indícios de interação efetiva entre os estudantes e aqueles que são reconhecidos como professores do curso, mas sim, em diferentes níveis, entre os licenciandos e os tutores presenciais. Ao que parece o papel de professor do curso tem sido, na prática, assumido por esses novos “profissionais”.

As pesquisas, de modo geral, se referem, embora nem sempre de maneira explícita, ao tutor que atua nas universidades sedes, realizando atendimento a distância aos estudantes, por meio de alguma TIC. Várias das investigações, ainda insuficientes, têm se debruçado a estudar a prática, as concepções, os papéis, entre outras, desses atores virtuais. Contudo, os tutores presenciais localizados em polos regionais, distantes das universidades e muito próximos dos alunos, também devem ser investigados em seus diferentes aspectos. Entendemos que essa foi uma das preocupações de Maggio (2001). Embora já tenha se passado mais de uma década, acreditamos que esta autora trouxe à tona um debate que continua vivo nos dias de hoje. Nesse texto, ela retoma algumas questões com relação ao papel do tutor na EaD sobre as quais permanecem dúvidas.

Uma primeira discussão da autora se concentra em identificar se a prática do tutor pode ser considerada ensino. Nesse sentido, Maggio (2001, p. 95) diz que “A ideia de guia é a que aparece com mais força na definição da tarefa de tutor”, enquanto que professor é aquele que ensina, ou transmite, alguma coisa a alguém que irá receber esse ensino. Entretanto, a autora argumenta que essa concepção já não se sustenta mais e mudanças nas concepções pedagógicas vêm ocorrendo defendendo uma pedagogia voltada à construção de conhecimento e processos reflexivos. Para ela, tanto o tutor quanto o professor são responsáveis pelo ensino e, assim, não há distinções com relação ao sentido didático.

Outra questão abordada por Maggio (2001) se refere às características do que poderia ser considerado um bom tutor. A autora acredita que há diferenças entre o professor convencional e o tutor, mas elas são de natureza mais institucional do que pedagógica, embora não se deva negligenciar as consequências pedagógicas.

Portanto, diante desses estudos, parece ser consensual a relevância dedicada a esse sujeito no processo de ensino e aprendizagem do estudante, tanto nas atividades individuais quanto coletivas, em diferentes aspectos. Contudo, notamos que ainda há ambiguidade a respeito de quais são as suas funções, em que medida ele pode participar da elaboração e implementação de propostas educacionais na modalidade a distância, bem como a própria denominação de *tutor*, pois para alguns ele pode ser considerado como professor e para outros não. Segundo Viel (2011) as funções do tutor são classificadas de diferentes formas, dentre elas estão as atividades de ensino, processo de acompanhamento do desempenho do aluno e, também, funções de apoio. Sendo assim, para essa autora, o tutor é, definitivamente, peça fundamental da modalidade a distância.

Para Mill *et al.* (2008), superar a distância é o grande desafio da tutoria, além de identificar o modo mais adequado, simples e amistoso, para orientar, cobrar e dar sugestões aos estudantes. Acreditamos que professores, em qualquer nível e modalidade, convivem com esse mesmo desafio, porém, esses autores destacam que diante das particularidades da EaD, a comunicação entre tutor e alunos é a questão-chave, de modo que ela deve ser clara e objetiva e ao mesmo tempo possibilitar aproximação, calor humano e compartilhamento.

Embora, as pesquisas aqui mencionadas apontem para o reconhecimento do tutor quanto à sua importância ao longo do processo de formação de professores a distância, há muitos problemas teórico-metodológicos, formativos e institucionais que precisam ser estudados e superados. Além disso, nossos dados apontam que para os licenciandos há uma falta de clareza com relação ao papel desse ator no processo formativo. Os próprios

tutores, segundo Ribeiro, Oliveira e Mill (2010), veem a tutoria como uma ocupação provisória e subsidiária, o que, para os autores, parece derivar mais da precariedade da relação de trabalho e a sua baixa remuneração do que da atividade em si mesma.

Nesse sentido, Gatti e Barretto (2009) alertam para a vulnerabilidade da tutoria nas práticas de formação em EaD, uma vez que a condição precária para a sua contratação torna o vínculo do tutor frágil e não permite investir no seu aperfeiçoamento em serviço.

Lapa e Pretto (2010) corroboram esse posicionamento e complementam essa discussão, argumentando que ao tutor, na condição de bolsista, não é nem atribuído o direito de ser denominado “professor”, “[...] evitando com isso a consolidação de vínculos empregatícios e a sua inserção na categoria simbólica de *profissionais da educação*” (p. 91, ênfase dos autores). Portanto, embora a literatura se refira ao tutor como um novo “profissional”, ponderamos essa afirmação, pelo fato de que essa atividade, considerada de extrema importância por grande maioria dos envolvidos, direta ou indiretamente, em cursos a distância, ainda não foi formalmente reconhecida como profissão.

Diante disso, acreditamos que é necessário avaliar profundamente esse papel para que esse ator possa ser reconhecido como profissional da educação, seja na denominação de tutor ou não, e formalizar a sua participação no processo de formação de professores.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Esse estudo aconteceu no contexto do curso de Licenciatura em Matemática a distância que é oferecido pelo Consórcio CEDERJ. Este Consórcio reúne o Governo do Estado do Rio de Janeiro por meio da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ) e as seis universidades públicas sediadas no Estado. Também participam deste projeto as prefeituras municipais, as quais oferecem estrutura física para o funcionamento dos polos regionais^{iv}.

Três polos regionais – Angra dos Reis, Itaperuna e Bom Jesus do Itabapoana – foram visitados pela primeira autora desse artigo visando coletar dados acerca das concepções dos alunos iniciantes com relação ao curso. O critério estabelecido para a escolha desses polos foi o aspecto sócio-econômico das regiões, com o intuito de conhecer as diferentes realidades do curso oferecido por este Consórcio.

O polo de Angra dos Reis e, também, de Piraí, Paracambi, Volta Redonda, além da sede do CEDERJ no Morro da Mangueira e a Universidade Federal Fluminense (UFF), responsável pela Licenciatura em Matemática do CEDERJ, foram visitados pelos segundo e terceiro autores desse texto com o intuito de investigar, mais especificamente,

o ponto de vista dos alunos egressos com relação à formação obtida no curso e os modos de uso das TIC nessa Licenciatura. Nesse caso, o critério adotado para a escolha dos polos foi a questão geográfica, uma vez que esses municípios estão localizados na mesma região, o que facilitou o deslocamento dos pesquisadores.

Nas visitas de campo mencionadas, utilizamos recursos de gravação de áudio, vídeo, notas de campo e fotografias. As entrevistas foram transcritas para posterior análise.

Por ser consonante aos nossos objetivos de pesquisa e a esses procedimentos metodológicos, a abordagem utilizada no estudo foi a qualitativa, pois ela permite ao pesquisador observar a realidade estudada, ao mesmo tempo em que participa ativamente de todo o processo. Como afirmam Denzin e Lincoln (2000) a pesquisa qualitativa é uma atividade que localiza o observador no mundo, fazendo com que ele possa criar uma visão de mundo. Para esses autores, os pesquisadores qualitativos interpretam os fenômenos em termos dos significados que as pessoas dão para esses fenômenos. No caso desta pesquisa, buscamos entender aspectos da formação inicial de professores em um curso de Licenciatura em Matemática a distância, tomando como fio condutor as perspectivas dos alunos iniciantes e também dos egressos. Portanto, concepções, crenças e expectativas são elementos fundamentais nesta pesquisa e, sendo assim, um enfoque qualitativo de pesquisa nos pareceu se tornar o mais adequado para esta investigação.

Neste artigo discutiremos um dos temas que emergiram nesse estudo empírico sobre a natureza da formação de professores a distância, a saber: o papel do tutor presencial do curso de Licenciatura em Matemática do CEDERJ com base nos relatos de alunos iniciantes e egressos desse curso.

DISCUSSÃO DOS DADOS

O sistema de tutoria, presencial e a distância, aliado a outros meios, parece ter se constituído como a alternativa encontrada pelos cursos a distância para apoiar os alunos na sua realização. Considerando as especificidades da Educação a Distância, uma pergunta se torna conveniente: a quem cabe o papel, formalmente instituído, de ensinar?

De acordo com a proposta do CEDERJ, não há aulas, tal qual as conhecemos no ambiente convencional da sala de aula presencial. Contudo, pela distância que existe entre os alunos e os professores das universidades, o sistema de tutoria, na prática, se tornou de fundamental relevância no processo formativo.

De acordo com Lima (2002), o sistema de tutoria do CEDERJ foi estruturado como um sistema orgânico entre as universidades consorciadas e os polos regionais e concebido com base na premissa de que o processo de ensino e aprendizagem a distância requer um eficiente acompanhamento dos alunos. Estes, por sua vez, nem sempre se mostram emocionalmente preparados ou adaptados para uma sistemática de estudo semipresencial. Ademais, a interação entre alunos, professores e a instituição visando à aprendizagem não pode prescindir o uso efetivo de TIC.

De acordo com as determinações do CEDERJ, o tutor não possui as mesmas atribuições de um professor universitário, porém, ele atua diretamente em uma de suas funções: o ensino. Contudo, considerando essa função, o tutor também não é o responsável pela disciplina em que trabalha, não elabora ou seleciona o material didático, não decide acerca do conteúdo a ser trabalhado, enfim, não participa da elaboração da disciplina. Em termos de ensino, podemos dizer que ele atua numa zona de risco muito maior que a do docente responsável, já que não é possível preparar exatamente como ocorrerão as suas tutorias. A necessidade dos alunos condiciona a sua prática pedagógica. Por ocuparem papéis distintos é que entendemos que o docente da universidade e o docente-tutor devem ser vistos sob diferentes óticas, o que não faz de nenhum deles menos ou mais importante. Nossos dados apontam que para a grande maioria dos alunos do curso ele é visto como professor, conforme evidenciam as falas a seguir:

É o... É o... Praticamente o professor. (Cristiane, Paracambi)

É o professor, a gente é... Nos apegamos [...]. É, nos apegamos a ele pelo professor que não temos. (Luana, Paracambi)

Não é o modelo do Ensino Médio porque ele não vem e não expõe a matéria. (Cristiane, Paracambi)

A afirmação de que o tutor assume o papel do professor, fato que também verificado em nossas observações, recebe reforço nos excertos da entrevista de Ana, do polo de Angra dos Reis:

Pesquisadora: Bruna, você acha que o tutor é um professor?

Ana: É sim.

Pesquisadora: Tem aula, ele dá aula?

*Ana: Ele faz exercício, ele ajuda, como aluna né... Ex-aluna eu falo que eu já vim sim à tutoria, sem ler o material. Já vim à tutoria esperando o **professor** me falar, você não aproveita muita coisa. Você aprende uma coisa ou outra. Quando você já tem conhecimento da matéria rende muito mais. Mas, os alunos eles veem o tutor como professor sim, apesar de ser duas horas, porque ele acaba... Porque ele quer tanto ajudar o aluno que ele acaba ensinando e acaba dando aula mesmo.*

Ainda, no mesmo sentido da confirmação da presença do tutor como um professor, o aluno Kelvin explica:

Aqui no CEDERJ acaba sendo [professor]. É, o tutor professor, né? O colega, o amigo. Aqui, é dessa forma que a gente encara o tutor. Aqui, como aquele que só tá aqui pra nos auxiliar em alguma dúvida pertinente, assim, não específico da matéria, mas, assim, na disciplina, no andamento. [...] porque às vezes o tutor ajuda a gente no conteúdo mais específico [...]. (Kelvin, Angra dos Reis)

Este trecho da fala do aluno sugere que o tutor atua em questões gerais, incentivando e auxiliando em questões não, necessariamente, relacionadas a conteúdos. Ainda, em muitas respostas dos entrevistados, nos vários polos, abriu-se a discussões sobre o que é uma aula ou não, ou mesmo sobre a variação na postura e nos papéis dos tutores e dos professores:

Pesquisadora: Ser tutor é ser professor?

Fernando: Caramba, eu sei que é diferente, mas eu sei que tem diferença. A diferença básica é que de certa forma o tutor não desenvolve conteúdo, por exemplo, na área de Matemática e física, eu não preciso sair provando todos os teoremas, aprofundando e tal. Eu vou mostrar para meu aluno, e vou mostrar de uma forma um pouco mais geral. O professor hoje em dia, na minha concepção, eu acho que deveria cobrar mais, por ele ter mais tempo. Dá pra ver de uma forma muito mais aprofundada. Então, eles associam o professor e o tutor, só que no CEDERJ a gente acaba tendo uma posição de professor, porque o aluno não faz essa transição de ensino presencial e aula presencial, então sabe, é totalmente tutor. Todos os alunos, porque todos os alunos do primeiro período, é muito mais mesmo... Já dei muita matéria de física, matéria de aula. Os alunos querem aula, então não estudam e não é o que o CEDERJ quer. Não é a proposta do CEDERJ. (Angra dos Reis)

Acreditamos que para além de desempenhar essas funções estabelecidas institucionalmente pelo CEDERJ, o tutor possui um papel que transcende ao de apenas executor daquilo que é definido e, diante disso, é preciso repensar a sua condição atual como profissional.

No que se refere ao papel deste tutor, as perspectivas dos alunos, principalmente os iniciantes, revelam certa imprecisão, incerteza, contradições e, alguns, parecem não saber a diferença entre tutor e professor. Para Vitor, no diálogo a seguir, o tutor é o professor, o qual, no contexto do curso, atua de maneira diferente da usual. Seus depoimentos sugerem um desconhecimento, ou pelo menos dúvida, da existência de outro professor no curso. No trecho da entrevista, que segue, é possível notar essa confusão de papéis.

Pesquisadora: Mas você está falando... Quando você fala de professor, você está se referindo ao tutor? Porque você falou assim pra mim: ah, eu acho que vai ser diferente a relação professor-aluno [...].

Vitor: Sim, mas aí eu te pergunto: tem tutores e professores? Tem? Aqui?

Pesquisadora: Quem que... Você acha que não?
Vitor: Não, eu acho que só tutor pra tirar dúvida. Ou tem professor que dá aula?
Pesquisadora: Professor que dá aula não tem, né? É um curso a distância!
Vitor: Sim, sim.
Pesquisadora: Mas existe professor das disciplinas?
Vitor: Que é o tutor?
Pesquisadora: [Risos]
Vitor: Não, agora você me encabulou... Agora você... [risos].

Na sequência desse diálogo, questionando o aluno sobre as possíveis diferenças entre professor e tutor no contexto do CEDERJ, Vitor responde que estava entendendo que, nesse curso, o professor era o tutor e que esse “novo” professor lhe causa medo, pois não é o professor com o qual está acostumado.

Já na fala de Claudio, a seguir, fica claro a referência docente que o tutor presencial representa aos licenciandos.

É... Eu acho injusto, eu acho injusto. Pra mim, eu acho que deveria ter mudado essa palavra “tutor”, deveria que sair, deveria ser banida, deveria colocar professor mesmo. Porque o que acontece? Eles tiram as nossas dúvidas, mais além do que a gente precisa, eles dão pra gente uma coisa... Onde tem um lado obscuro ele consegue trazer a luz pra que a gente venha a entender [...]. (Claudio, Angra dos Reis)

Entretanto, Claudio, no início da entrevista, diz que “A tutoria ela é voltada pra aquilo que você tem dúvida, porque tutor não é professor, né? O tutor tá aqui apenas pra tirar as suas dúvidas.” Ou seja, ao mesmo tempo em que o aluno reconhece o tutor como um professor, devido à sua importância durante o processo de formação, por outro lado ele comenta que o tutor não pode ser considerado professor, pois não se trata de uma aula convencional e sim uma sessão de apoio às dúvidas dos alunos.

Não somente na última fala de Claudio, mas na de vários outros alunos é possível notar controvérsias, falta de clareza sobre qual é papel do tutor para os estudantes. Essas divergências acabam por confundir os alunos que estão iniciando o curso e que não entendem muito bem o seu funcionamento. É notável essa dificuldade em identificar a identidade do tutor e, também, localizar a figura do professor. Entendemos essa estranheza por parte dos mesmos, de certo modo, como natural, uma vez que de um lado o CEDERJ diz que o tutor não é professor, que a aula é proibida e que há outro professor responsável pela disciplina, mas, na prática, nem virtualmente tampouco presencialmente esse professor interage com os alunos. Os estudantes não conhecem esse professor e o tutor é a mais próxima referência docente que eles possuem.

Diante dessas constatações, acreditamos que não há consenso, principalmente para os alunos ingressantes no curso, sobre qual é o papel do tutor no processo de formação de professores de matemática. Oliveira, Mill e Ribeiro (2010) acreditam que a

prática da tutoria deve ser compreendida como docência, pois é possível observar que os tutores assumem esse papel em vários momentos. Entretanto, para os autores, “[...] essa docência deve ser orquestrada pelo professor responsável e compartilhada com outros atores, exigindo novas habilidades” (p. 83).

Notamos que, em meio à diversidade de percepções com relação ao papel do tutor presencial, os alunos também reconhecem que este não deve assumir completamente essa responsabilidade. Há, ainda, uma tendência em acreditarem que os tutores que foram formados no CEDERJ, pelo fato de já terem vivenciado o curso enquanto alunos, parecem saber lidar com as dificuldades que os alunos enfrentam, em particular os ingressantes, com maior desenvoltura. Esses tutores, em geral, buscam fazer da tutoria não uma aula propriamente dita, mas algo que permita aos alunos sentir-se acolhidos e seguros de seu aprendizado.

Por outro lado, há relatos de alunos que evidenciam a presença de um tutor que apenas esclarece as dúvidas acerca do conteúdo da disciplina, quando e se os alunos solicitam. Assim, assumem uma postura de aguardar que as perguntas dos estudantes determinem a dinâmica ou, até mesmo, a existência da tutoria. Na perspectiva dos licenciandos, essa postura se distancia daquilo que eles entendem por professor.

Outra aluna, de Bom Jesus do Itabapoana, explica que, em sua opinião, a metodologia semipresencial desse curso não preconiza que o tutor não é professor. Trata-se de outro professor, com outras características e papéis, ou seja,

Ele é um professor, mas não aquele professor de quadro. É um professor de dúvidas. É como se fosse um professor... É como se ele tivesse [...] [dando] aula particular, só pra aquele ali, só pra tirar as suas dúvidas. (Bianca)

De acordo com o que observamos nas tutorias do CEDERJ, o professor está muito mais próximo do que podemos chamar de autor, seja no que se refere à elaboração do material, avaliações, entre outros. Já o papel de professor, aquele que ensina e que acompanha o desenvolvimento dos alunos, bem como orienta, direciona seus estudos é o papel do tutor presencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o alerta feito por Gatti e Barreto (2009) e Lapa e Preto (2010), dentre outros, chamamos a atenção para o reconhecimento do tutor como profissional da EaD. Pesquisas e, principalmente, alunos dessa modalidade de educação reiteram o

importante papel desse ator no processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, o tutor pode se tornar um grande aliado na tentativa de oferecer uma Educação a Distância de qualidade.

Dar-lhe a oportunidade de participar mais ativamente na concepção da proposta do curso em que atua, discutindo sobre as demandas e necessidades pedagógicas dos alunos, por se encontrarem em posição privilegiada de acesso aos mesmos, é primordial. Para que isso se concretize, valorizar e formalizar a sua situação como trabalhador é um primeiro passo. Reconhecer o tutor como docente, já que este realmente o é como profissional formado em um curso de licenciatura e dar condições mínimas de trabalho é algo sério a se pensar.

As pesquisas e os alunos denunciam a relevância do tutor, porém, na visão dele próprio, de acordo com, Ribeiro, Oliveira e Mill (2010), esse trabalho é visto como “bico”, um complemento da renda, de modo que à primeira oportunidade de estabilidade e condições salariais mais vantajosas, este, raramente, permanece na função de tutor.

A instabilidade quanto ao vínculo e a rotatividade de tutores é algo a ser notado neste processo. É claro que a valorização da oportunidade do trabalho de tutor dentro do CEDERJ e as experiências ali adquiridas mostram-se de grande valia para os tutores. Mas, algo que chama a atenção diz respeito à consolidação da formação do ex-aluno do curso na função de tutor, o que beneficia de forma acentuada esse profissional. Essa rotatividade também pode prejudicar o desenvolvimento de um curso a distância, pois quando os tutores estão adaptados ao sistema, “passam a vez” para novos tutores inexperientes. É preciso que o tutor seja reconhecido para que ele possa investir e concentrar esforços na docência em EaD e contribuir com o avanço da formação de professores a distância.

Muitos dos trabalhos e discussões sobre tutoria, que acompanhamos ao longo de nossa pesquisa, não têm se apoiado em estudos que desenvolvem trabalho de campo e não vivenciam a prática do tutor presencial no polo em que ele atua. Nossas investigações rompem com esta tradição ao trazer a voz de alunos e tutores sobre a prática desse novo ator e observando as atividades do curso no contexto do polo. Entendemos que as vozes dos alunos tendem a ver o tutor como professor e isso pode ser mais forte na medida em que, até 2010, não havia interação direta entre os professores das universidades e os alunos, seja presencialmente ou utilizando as tecnologias digitais como, por exemplo, a videoconferência. Mas, é claro que mais pesquisas são necessárias para que os resultados apresentados neste texto ganhem mais força ou sejam ressignificados.

REFERÊNCIAS

- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. The Discipline and of Qualitative Research. In.: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, 2000.
- GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.
- LAPA, A. PRETTO, N. D. L. *Educação a distância e precarização do trabalho docente*. Em aberto, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, Nov. 2010.
- LIMA, R. L. A *Tutoria*: uma importante função na implementação de projetos de qualidade em EAD. In: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES. Salto para o Futuro. Brasília: TV Escola, 13 a 17 de maio de 2002. Programa de TV.
- MAGGIO, M. O Tutor na Educação a Distância. In.: LITWIN, E. (Org.) *Educação a Distância*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 93-110.
- MILL, D. *Educação a Distância e Trabalho Docente Virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2006.
- MILL, D.; ABREU-E-LIMA, D.; LIMA, V. S.; TANCREDI, R. M. S. P. *O Desafio de uma Interação de Qualidade na Educação a Distância: o tutor e sua importância nesse processo*. In.: Cadernos de Pedagogia, ano 2, v. 2, n. 4, Agosto/Dezembro, 2008.
- MORAN, J. M. A Gestão da Educação a Distância no Brasil. In.: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Orgs) *Educação a Distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: EdUFSCar, 2010
- OLIVEIRA, M. R. G.; MILL, D.; RIBEIRO, L. R. C. A Tutoria como Formação Docente na Modalidade de Educação a Distância. In.: MILL, D.; RIBEIRO, L. R. C.; OLIVEIRA, M. R. G. (Orgs) *Polidocência na Educação a Distância: múltiplos enfoques*. São Carlos: EdUFSCAR, 2010.
- RIBEIRO, L. R. C.; OLIVEIRA, M. R. G.; MILL, D. A Interação Tutor-Aluno na Educação a Distância. In.: MILL, D.; RIBEIRO, L. R. C.; OLIVEIRA, M. R. G. (Orgs) *Polidocência na Educação a Distância: múltiplos enfoques*. São Carlos: EdUFSCAR, 2010.
- VIEL, S. R. *Um Sobre a Formação de Professores de Matemática a Distância: o caso do CEDERJ/UAB*. 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

ⁱ Home-page: <www.cederj.edu.br/fundacao/>. Acesso em 31/10/2013.

ⁱⁱ Para mais detalhes acesse: <<http://uab.capes.gov.br>>. Acesso em 08/04/2012. Embora o CEDERJ tenha sido uma iniciativa estadual, em 2006 também passou a integrar a UAB, podendo contar com recursos federais.

ⁱⁱⁱ Os nomes dos participantes da pesquisa que aparecem neste texto são fictícios para, assim, preservar a identidade dos envolvidos.

^{iv} Para mais detalhes sobre o histórico, estrutura e funcionamento do Consórcio CEDERJ consulte Viel (2011).